

FACTORS 4.0 é BIENALSUR: na arte contemporânea¹

Nara Cristina Santos², Mariela Yeregui³

Resumo

O Festival de Arte Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul expõe desde 2014 a produção contemporânea de artistas nacionais e internacionais. O evento é realizado pelo Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais (LABART), com apoio do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGART), do Centro de Artes e Letras (CAL) e da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Para a edição do FACTORS 4.0 em 2017, com o tema bioarte, a curadoria conjunta é realizada por pesquisadora brasileira e estrangeira, com apoio da Maestría en Tecnología y Estética de las Artes Electrónicas, da Universidad Nacional Tres de Febrero (UNTREF), e insere-se na primeira edição da BIENALSUR/Argentina.

Palavras-chave

Factors; Bioarte; Arte, Ciência, Tecnologia; Arte Contemporânea; Bienalsur.

Resumen

El Festival de Arte Ciencia y Tecnología de Rio Grande do Sul expone desde 2014 la producción contemporánea de artistas nacionales e internacionales. El evento es realizado por el Laboratorio de Investigación en Arte Contemporáneo, Tecnología y Medios Digitales (LABART), con apoyo del Programa de Postgrado en Artes Visuales (PPGART), del Centro de Artes y Letras (CAL) y de la Universidad Federal de Santa María (UFSM). Para la edición del FACTORS 4.0 en 2017, con el tema bioarte, la cu-

raduría conjunta es realizada por investigadora brasileña y extranjera, con el apoyo de la Maestría en Tecnología y Estética de las Artes Electrónicas, de la Universidad Nacional Tres de Febrero (UNTREF), y se inserta en la primera edición de BIENALSUR/Argentina.

Palabras clave

Factors; Bioart; Arte, Ciencia, Tecnología; Arte Contemporáneo; Bienalsur.

O Festival de Arte Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, apesar do nome indicativo do estado, nada tem de regional, pois se configura como nacional e desde 2016 como internacional, reunindo artistas que atuam na arte contemporânea de modo transdisciplinar. Inserido nessa sequência de festivais que tem se espalhado pelo país, o FACTORS constitui-se como um evento universitário de extensão, no campo da arte e da cultura, idealizado a partir do grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq, realizado pelo LABART⁴/PPGART/CAL/UFSM. A partir da edição de 2017 tem mantido uma curadoria compartilhada também internacional, entre duas pesquisadoras das instituições, UFSM no Brasil e UNTREF na Argentina. Nesse mesmo ano integra a BIENALSUR⁵.

A arte contemporânea é uma cultura importante; para si mesma, para as formações culturais locais em que se insere, para os intercâmbios complexos entre culturas vizinhas e como uma força capaz de gerar tendências no marco de

la alta cultura internacional. De caráter essencialmente globalizante, consegue, no obstante, mobilizar nacionalismos e até localismos, adotando formas específicas e complexas. (SMITH, 2012, p.300).

No sentido defendido por Smith, pode-se compreender em parte a BIENALSUR, quando atende a uma demanda da arte contemporânea, ao se apresentar de modo distribuído, inserindo o local no global e demarcando marcos através dos quilômetros de distância que cada cidade tem da sede em Buenos Aires. O FACTORS 4.0 se insere no marco KM1055 no mapa da Bienal, integrando uma rede internacional descentralizada de exibição da produção artística na contemporaneidade.

Para sua edição de 2017, o festival tem como argumento curatorial o conceito de bioarte. Para Rincón, a concepção de bioarte pode ser entendida a partir de uma classificação baseada em carbono, mas decorrente de três campos de conhecimento, a arte, a tecnologia e a biologia. No entanto, no contexto da arte contemporânea,

a teorização da bioarte como 'movimento artístico' é uma questão controvertida, que reproduz a clássica comparação entre as artes, gerando a oposição entre as práticas artísticas, que será fundamental para a exploração das características da bioarte, assim como de suas distintas tendências. (RINCÓN, 2015, p.17)

Para a curadoria do FACTORS 4.0, a bioarte não se configuraria como um movimento artístico, apenas como uma tendência da arte contemporânea. Como conceito, a bioarte acolheria então diferentes práticas artísticas produzidas através de seres vivos e recursos naturais, em contato com meios e tecnologias artificiais. Essa concepção, mais recente no

contexto da arte contemporânea, pode ser entendida não apenas como uma pesquisa da área da arte entrelaçada com a área da biologia, mas, também, da biotecnologia e da bioengenharia, propiciando relações transdisciplinares. Como proposição artística, a bioarte pode ser considerada como um conceito transversal para pensar a arte, a ciência e a tecnologia, suas implicações políticas e éticas. Nesse sentido, as obras/projetos promovem um diálogo entre o natural e o artificial, em que os paradigmas da bioarte funcionam como uma plataforma de desdobramento ou, ao contrário, como termo de oposição, confrontação e contraponto crítico. Estas obras geram no conjunto do interesse transdisciplinar questões sobre o entorno e os sistemas interativos, aproximando de modo instigante, e nem por isso menos conflitante, a investigação artística e científica.

O festival em 2017, ao tratar da bioarte, não só perpassa propostas que abordam relações metamórficas entre os dispositivos e os ambientes naturais, mas vale-se da tecnologia para criar um vínculo entre diversos mundos sutis e frágeis e as possíveis ressignificações diante da presença de organismos vivos. Problemas relacionados ao meio-ambiente, como a mudança climática, a extinção da diversidade da fauna e da flora, a deterioração e contaminação de solos, águas e ar, e o esgotamento dos recursos naturais, são evidências do grande rastro das atividades e comportamentos humanos, que dia a dia transformam e deterioram nosso ecossistema. As obras revelam que a ressignificação dos elementos naturais se dá no momento em que eles são modificados, a partir da intervenção tecnológica e dos experimentos científicos no confronto com a ação da natureza, provocando no público uma experiência artística e sensorial, ao mesmo tempo particular e diversificada, e uma postura de afastamento ou aproximação do compromisso coletivo.

FACTORS 4.0 é BIENALSUR: artistas e obras

O festival tem como curadoras Nara Cristina Santos (UFSM) e Mariela Yeregui (UNTREF) e assistentes curatorias Manoela Vares, Andréa Capssa (UFSM) e Ana Laura Cantera (UNTREF). A curadoria compartilhada tem sido uma prática das edições do FACTORS. Inicialmente porque o festival surge de uma prática de grupo de pesquisa em laboratório, liderado por uma pesquisadora que orienta pós-graduandos na linha de Arte e Tecnologia na área de concentração Arte Contemporânea. Mas também, porque trata de questões transdisciplinares e muitas vezes complexas, não necessariamente difíceis de se abordar, mas sempre instigadoras de novas estratégias curatorias.

A curadoria na arte contemporânea se tornou amplamente reconhecida como uma profissão significativa, presa nos impulsos centrais da vida contemporânea, mas também capaz de oferecer interpretações surpreendentemente originais das complexidades e contradições de nossa contemporaneidade. (SMITH, 2015, p. 15)

O FACTORS 4.0 apresenta propostas transdisciplinares, individuais e coletivas, realizadas por artistas nacionais e internacionais, tanto com trajetória consolidada como jovens artistas, entre brasileiros, argentinos e mexicanos. São onze obras/projetos que tratam de bioarte, incluindo biotecnologia e dialogando com a robótica.

Robôs Mistos (2016), um projeto do Grupo de Pesquisa Robots Mestizos (UNTREF), propõe um espaço para reexaminar certos princípios subjacentes na criação robótica. Os paradigmas robóticos se encontram ancorados no universo da modernidade e, portanto, fortemente vinculados à ideia do progresso, funcionalidade tecnológica e modelos tecnocráticos,

todos suscetíveis de análise e colocados em crise em um contexto latino-americano onde a modernidade aparece como um conceito ilusório ou, ao menos, problemático. Para o grupo, o conceito central é a questão da invasão do Outro e, portanto, assume-se a necessidade de criar um Outro (Outro que invade, que manifesta sua alteridade monstruosa), assumindo sua natureza fronteiriça: Outro tecnológico/Outro Telúrico, inspirado nos seres mitológicos do imaginário latino-americano.

A ideia de invasão do Outro pode ser compreendida na obra de Eduardo Kac, não no que manifesta de alteridade, mas sim naquilo que revela como dualidade, entre dois seres vivos, porém, de espécies diferentes: um ser humano e uma flor. É o caso de Edúnia (2003- 2008), uma petúnia transgênica criada na parceria entre Kac e cientistas da área da biologia e genética. Nesta planta, a criação parte do DNA do artista misturado ao DNA da flor, cuja proteína produz uma mutação na forma de veias vermelhas que estão visíveis em suas pétalas, originalmente cor-de-rosa. O gene é escolhido estrategicamente para ser inserido na flor, uma vez que ele é o responsável por rejeitar corpos estranhos do corpo do artista, o que contribui em parte para um questionamento sobre os limites do eu/Outro, mas, sobretudo para refletir sobre as implicações éticas na manipulação de plantas.

Na videoinstalação Jardim colaborativo de Fritz Müller em Open Frameworks (2017), a artista Yara Guasque (UDESC) e Kaue Costa evidenciam a materialidade da interlocução entre o inglês Charles Darwin e o alemão naturalizado brasileiro Fritz Müller, que contribuiu com a teoria da evolução das espécies. Os naturalistas do século XIX trocaram mudas de plantas, as quais constam nos arquivos do herbário Kew Royal Botanic Garden, na Inglaterra. A obra revela o entrecruzamento biológico e social ao ressaltar as taxonomias e termos científicos

compartilhados através da produção e das redes de conhecimento. Também gera implicações políticas e éticas, não nas parcerias estabelecidas, mas no envio e troca de material vivo para investigações científicas em outros países.

Parte do processo de desenvolvimento e de vida das plantas pode ser acompanhada na obra de Rebeca Stumm. *Trans(forma)ção assistida* (2017) constitui-se em uma instalação onde plantas são cultivadas em pequenos orifícios feitos na argila. Nesta obra, a artista tem a intenção de remeter à verticalidade de um jardim urbano ou floresta artificial, cujo crescimento acontece por meio da umidade, luz e compostos orgânicos. O processo é impregnado de visualidades e temporalidades distintas, à medida em que as plantas são geradas, crescem e se decompõem, mantendo o registro do seu ciclo vital. Organizada pelo acaso, a argila modelada em forma de potes sustenta a vida das plantas e torna esta estrutura um misto de caos e equilíbrio.

Na relação mais direta entre arte, biologia, tecnologia e natureza, o artista Guto Nóbrega com apoio do Grupo NANO apresenta um trabalho que envolve plantas e microambientes, numa concepção denominada hiperorgânica. Em sua obra *Bot-anic* (2012), ele cria um ser híbrido entre o orgânico e o artificial, composto por uma planta e por um sistema robótico. Esse projeto interativo permite ao público presenciar uma planta reagindo ao ambiente em que se encontra, em estado de repouso e de interação. Tal como o que acontece com o girassol, o sistema robótico permite que a planta reaja ao ambiente e ao público presente na exposição, e se desloque para onde há luz, ingrediente fundamental para sua sobrevivência. O trabalho permite refletir sobre uma possível autonomia das plantas e seus comportamentos emergentes, numa experiência que pode afetar a consciência do interator sobre a relação entre

plantas e máquinas e ampliar a sua compreensão do ambiente.

A influência da luz nas plantas também é objeto de pesquisa na instalação *PLNT3* (2017), de Raul Dotto e Walesca Timmen, composta por uma planta que, sob influência de luz em variados comprimentos de ondas, permite acompanhar o seu processo biológico de geração. O crescimento e os estágios de desenvolvimento da planta também são expostos, a partir de registros fotográficos, através de um monitor. Os artistas optaram pelo uso da luz de LED, por sua eficiência energética e redução de calor. Esta iluminação proporciona um experimento alinhado com as contribuições que a tecnologia oferece como alternativa para um desenvolvimento sustentável.

Com *Rizosfera FM* (2016), o grupo *Eletróbotas*, composto por Gabriela Munguía e Lupita Chávez, explora a diversidade e a possibilidade de novos diálogos interespecies através da instalação e intervenção sonora, com um conjunto de diferentes plantas presentes no mesmo lugar. Inspiradas nas infinitas formas de vida que habitam a rizosfera, seus processos e relações, as artistas constroem um complexo sistema orgânico-radiofônico vivo por meio da apropriação das emissões de rádio FM. A integração de elementos biológicos, de comunicação remota, da apropriação de tecnologias, do som, da luz, das frequências, dos ritmos, das sintonias e das possíveis linguagens na obra, propõem pensar a hibridação de sistemas como mecanismo e processo de co-criação, sensível ao olhar e interpretação sobre aqueles micro-habitats onde infinitos seres co-habitam, interagem, constroem e se expressam.

Já a instalação *Ausculta* (2017), de Fernando Codevilla e Leonardo Arzeno, propicia um percurso ao redor de troncos de árvores dispostos no piso, cujos espaços de circulação entre os pedaços de madeira são preenchidos com sons emitidos por alto-falantes. O áudio é composto pela paisagem

sonora de uma área florestal combinada com os sons gerados no processo de sonificação, por meio de sensores que captam a vibração das plantas. As imagens fazem referência ao lugar onde ocorreu a captação sonora e revelam apenas silhuetas em um jogo de luz e sombra. Ao procurar auscultar as plantas, a obra evidencia os sons que estão presentes no nosso cotidiano, para os quais não estamos atentos, assim como pode revelar o nosso silêncio diante das ações contra a natureza.

Uma possível transformação das ondas sonoras que habitam, invisíveis, o som ambiente ou ruído de fundo é proposta em *Rio Callado* (2017), de Paula Guersenzvaig e do designer Juan Leon Sarmiento. A instalação procura transformar o som e a sua percepção, através de um percurso pelo fluxo elétrico para organizar uma cadeia de transdução eletro-acústica, composta por microfones subaquáticos (hidrofonos), cabos, amplificadores e auto-falantes. Assim como o processo de cristalização de um mineral precioso, o som é captado, mediado e filtrado pela água, para logo ser decantado, ponderado e exposto. A água interfere no processo como uma peneira e seletor sonoro, oferecendo sua impressão particular.

Ana Laura Cantera chama atenção para alguns processos naturais pouco perceptíveis, como a lenta decomposição de uma fruta em *Evolução de uma partida* (2015-2016). Nesta instalação, a artista dirige seu olhar para aqueles fenômenos vitais de equilíbrio da biosfera, mas que escapam à visibilidade humana: a energia vegetal, o potencial da terra como substrato, o acionar das bactérias e a atividade de oxidação. Todos estes fenômenos são caracterizados como “miniaturas” e, nestes pequenos mundos, os dispositivos eletrônicos da obra possibilitam perceber a sucessão de morte, gênese e recomposição no ciclo da matéria através de um fruto que se descompõe e transmite essas modificações a uma

matriz orgânica. Ela recebe a informação e altera as condições para o crescimento de micromundos e desenhos fúngicos.

As frutas, assim como outros vegetais, são também a questão central da obra do artista Gilberto Prado e o Grupo Poéticas Digitais, que apresentam *Máquinas de Choque 1* (2016), uma instalação composta por elementos orgânicos, como milho, pimentas e laranjas, além de dispositivos tecnológicos. Os elementos naturais, nessa obra, são utilizados como dinamos para geração de energia e possibilitar choques elétricos. O título da obra faz referência aos Toqueros e suas caixas tradicionalmente usadas na Cidade do México para alívio do estresse, da embriaguez, ou apenas para provar a valentia daqueles que se autoinfligem os choques.

Os artistas que integram o FACTORS 4.0, independentemente do modo como se aproximam da concepção de bioarte, que fundamenta a curadoria, apresentam obras que lançam questões para se pensar o que é a arte contemporânea. Concordando com Smith (2012, p.331), há na arte contemporânea “artistas que fundam sua prática na exploração de relações sustentáveis com distintos entornos, tantos sociais como naturais, no marco de valores ecológicos”. Nesse sentido, a bioarte cumpriu seu papel como um conceito transversal para pensar a arte, a ciência e a tecnologia, suas implicações políticas e éticas, também no campo da cultura.

Referências

CANTERA, Ana Laura. Disponível em <https://www.analauracantera.com.ar>

Catálogo de Exposição. FACTORS 4.0 é BIENALSUR. Santa Maria: EdPPGART, 2018. Disponível em <http://coral.ufsm.br/labart/index.php/factors/factors-4-0#> e <http://coral.ufsm.br/>

editorappgart/index.php/noticias/19-catalogo-factors-4-0

DOTTO, Raul. Disponível em <http://rosarauldotto.com>

GUASQUE, Yara. Disponível em <https://mapeamentojardinagemterritorialidade.wordpress.com/jardim-colaborativo-de-fritz-muller-yara-guasque/>

KAC, Eduardo. Disponível em <http://www.ekac.org>

NÓBREGA, Guto. Disponível em <http://www.nano.eba.ufrj.br/author/guto/>

PRADO, Gilberto. Disponível em <http://www.gilbertoprado.net>

RINCÓN, Daniel Lopez. Bioarte. Arte y vida en la era de la biotecnología. Madri: AKAL, 2015.

SMITH, Terry. Talking Contemporary Curating. New York: ICI, 2015.

SMITH, Terry. Qué es el arte contemporáneo?. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2012.

STUMM, Rebeca. Disponível em <https://rebecastummsite.wordpress.com>

Notas

- 1 Este artigo tem como fonte o Catálogo FACTORS 4.0 é BIENALSUR. Disponível em <http://coral.ufsm.br/labart/index.php/factors/factors-4-0#> e <http://coral.ufsm.br/editorappgart/index.php/noticias/19-catalogo-factors-4-0>
- 2 UFSM
- 3 UNTREF
- 4 LABART. <http://coral.ufsm.br/labart/>
- 5 BIENALSUR. <https://bienalsur.org/es>